

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

A VIAJATA

Sua Magestade Fidelissima D. Luiz de Bragança, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e alem mar em Africa, foi friamente recebido no paiz visinho.

A multidão, que enchia as ruas de Madrid quando o rei portuguez alli chegou e quando se realisou a parada militar em sua honra, era enorme. Comtudo não se ouviu um viva, não houve manifestação alguma d'agrado. O povo hespanhol seguiu o nobre exemplo do povo portuguez, e contemplou com a maxima frieza os fantoches reaes e talvez com a maxima tristeza as festas magnificas, que elles mandaram arranjar á custa da nação.

O tempo, em que a ralé vendia gostosa a camisa para cobrir de galões dourados os lacaios reaes, já lá vae. O progresso deu-lhe hoje nova orientação, e fá-la pensar na sua miseria a par d'aquellas magnificencias da corte.

O que significa a actual festança hespanhola? Uma cerimonia apenas. O rei do Portugal convidou um dia o seu «amado» primo a vir passar alguns dias consigo, prometendo-lhe grande reinação. O primo veio e para não ficar «atraz» do real parente convidou-o egualmente a dar um passeio até á sua casa de Hespanha, que alugou por tempo indeterminado.

D'ahi a folia, uma folia puramente particular e real de Lisboa e Madrid, a que o povo com razão se não associou. O povo de Lisboa não podia gostar da festa, porque se lembava que lhe arrancavam para ella á força mil e tantos contos, quando os seus professores d'instrução primaria morrem de fome e a enormidade dos impostos o faz vegetar na miseria. O povo de Madrid tambem não pode gostar d'ella, porque se lembra do despotismo que o avassala, da fome que o tortura, dos tributos que o esmagam, das promessas fementidas dos governos monarchicos, na desgraça, enfim, em que cahiu o seu formosissimo e poderossimo paiz.

Os reis já deixaram de sér os arbitros dos povos. Os destinos d'uns são antagonicos dos destinos d'outros. Não ha amizades nem aproximações entre elles. A soberania do povo é incompativel, é mesmo inimiga terrivel da soberania do rei.

Os monarchicos, que veem isto, zamg am-se comnosco. No

anno passado accusaram os republicanos portuguezes de collocarem a politica acima da patria, indicando aos estranhos os poderes nacionaes e não recebendo os hospedes realengos com a precisa urbanidade.

Assim procedem n'este instante os monarchicos hespanhoes. Os culpados da fria recepção, que o povo visinho fez ao rei de Portugal, são os republicanos de lá. São reus de lesa patria, porque não emudeceram perante as hostes do direito divino abairando-lhe lanças em signal de respeito.

Estas «tirades» monarchicas tem graça. Então, não queriam que os radicaes peninsulares, que gastam a sua vida em defesa dos direitos e prerogativas populares achassem muito justo, muito regular, muito logico, muito harmonico que se gastassem milhares de contos em brodios devassos, quando as populações lutam com uma miseria cruel que as invade? Não, nós não costumamos voltar a face tão escandalosamente ao nosso dever. Ha aqui uma obrigação imperiosa para nós que é dizer ao povo: «Aquelle rei não representa povo, algum, não representa os teus irmãos; representa só o privilegio. O dinheiro que se gasta com elle é pois roubado inutilmente ás tuas necessidades. Em teu nome, commette-se um crime». Foi o que nós dissemos ha um anno; é o que dizem hoje os republicanos hespanhoes, e obram dignamente.

Creiam, porem, os senhores realistas, que não seriamos ouvidos se o povo não estivesse bem compenetrado d'essas verdades. A sua frieza glacial é pois um rude golpe dirigido á realza, que não tem prestigio, nem amor. As multidões separam-se d'ella; já requereram o divorcio. Falta só que o supremo tribunal da justiça humana o pronuncie.

Sé o sr. D. Luiz de Bragança não foi a Hespanha só para passear, se alem d'isso ia tratar d'assegurar os seus interesses por qualquer forma, mesmo com prejuizo da nossa independencia, soffreu uma cruel desillusão. Trame á vontade com o real primo a morte da liberdade na peninsula iberica! O proceder do povo indica-lhes claramente que de nada valem os seus pactos. Já não sella alianças de familia. A democracia avançará sem temer conluioes secretos do descendente d'aquelle misero cardeal que nos vendeu a Philippe II, d'aquelle D. João IV, que os revolucionarios de 1640 levantaram na ponta das suas lanças em 1640 contra vontade sua, com o filho de Izabel, o

descendente da raça nefanda dos Bourbons.

Antonio de Castro.

SUB SOLO-IGNIS

III

Por occasião da celeberrima pavorosa peninsular da mão negra, o Correo, órgão ministerial da nação visinha, disia que a opinião publica exigia as medidas mais energicas. No entender d'este camello a opinião publica consiste no pessoal da redacção — palheiro.

Ora vamos, vamos meus meninos; fasei proesas d'Herodes, e ordenae nova degolação dos innocentes, para que não escape uma só criança que seja filha d'anarchistas...

Sempre sois muito ridiculos, quando quereis apparentar força e serenidade, estando transidos de pavor!...

Mas a opinião publica, essa já vos correu a pontapés, e está agora ensaiando processos mais positivos. Tende a bondade d'esperar.

A Republica tal qual está constituída na França não me satisfaz.

Eu entendo que toda a republica unitaria conduz fatalmente ao cesarismo, não só por erro de organização, mas tambem porque tal é a lição da Historia, que devia ser proveitosa para todos. Só a forma federativa pode dar estabilidade ás republicas, e assegurar-lhe uma larga e brilhante vida no futuro. Quanto á solução do problema economico — social eu adopto como assásmente satisfatorio o programma provisório do partido socialista, publicado no Almanach republicano de 1883.

Mas se me derem a escolher entre a republica unitaria e a monarchia, eu não hesitarei, escolhendo a republica, em que ao menos o enorme absurdo do direito divino desaparece juntamente com a iniquidade hereditaria.

Mas, a saber: após a queda de Napoleão III, e após a convulsão socialista da communa, a Republica terá operado em França alguns melhoramentos?

Quem ler detidamente — e sómente — os jornalecos monarchistas portuguezes, convencer-se-ha facilmente de que a Republica foi a maior calamidade que podia ter cahido sobre a patria de Rabelais e de Voltaire.

Muito de proposito aproxima os dois nomes dos reis da gargalhada. Isto só a rir.

Houve até aqui na rua do Almada um jornal furta-côres, e talvez furta-lenços, que teve a gloria de mostrar ao povo, lá, das alturas dos seus 400 exemplares, com uns confrontos esmagadores, que sim, que a Republica gasta mais do que gastava Napoleão III, que tem gasto mais do que Napoleão I com todas as suaz guerras; mais do que a Restauração; mais do que Luiz XVI, e até mais do que Luiz XIV. Insidiosamente o estafermo vae calando para onde vão tantas despesas. Quer talvez lançar no animo do povo a terrivel suspeita de que a Republica esbanja os dinheiros publicos.

Aquella alimaria que vae roendo a palha que o sr. Fontes lhe dá —

á nossa custa — não vê os esbanjamentos que por cá vão. O dinheiro que desaparece na voragem dos campos de manobras e das penitenciarías, as portarias surdas, os subsidios á parentella viajante; a aurea mordaca na boca dos jornalistas corruptos e venaes; os syndicatos, as festas ao rei, etc. etc. etc. Sobre esses immortaes escandalos deixam elles passar o silencio, emquanto vão farejar o escandalo aos paes cuja constituição politica é mais racional e democratica do que a nossa. Querem desacreditar a Revolução, os pascaçios.

Ora, meus amigos, eu não tenho commissão para defender a republica francesa. Mais d'uma vez a tenho agredido como pouco... republicana. Não recebo dinheiro nem de Victor Hugo, nem de Jules Ferry, nem de Rochefort, nem de Julio Vallès. Esta declaração é necessaria visto que alli assim o aquelle das Instituições já grunhiu que os republicanos portuguezes se vendiam a Zorrilla.

Mas ouçam cá: effectivamente a Republica tem feito grandes despesas. Mas em que? seria na construcção das gaiolas do syndicato, ou em festas a el-rei Caramba?

Vejam os: pagou uma divida enorme á victoriosa Alemanha; reedificou cidades devastadas pela guerra, lavrou os campos talados, desenvolveu a marinha, abriu canaes, construiu estradas, edificou escolas, etc. etc. etc.

E o estado social peioraria? — Não; pelo contrario.

Os impostos diminuíram; e a receita vae augmentando todos os dias.

Aqui está o que os gallegos ás ordens d'el-rei e da sua caranguejola deviam dizer, se n'elles houvesse consciencia capaz de sobrepujar o interesse da barriga, que em altos brados pede palha, e mais palha!

A Republica na França gasta, mas não em detrimento do povo como a Monarchia em Portugal. Pelo contrario.

Essa é que é a verdade. Mas se os senhores monarchicos entendem que com os seus sophismas, as suas insidias e as suas calumnias, são capazes de afastar a tempestade, continuem. Mas quando o raio estalar, não se queixem de nós. Queiram faser um exame de consciencia.

Agora o aquelle alli assim da rua da Almada vae uivar que sim, mais que tambem, que sou um republicueiro, que insulto a monarchia, e que é preciso que sua excellencia onnipotente o sr. Fontes querelle de mim, um diabinho que faz estylo e que diz verdades, applicando ao mesmo tempo o ferro em brasa.

Venha de lá isso. E se entendem que o martyrio não chega, tentem o soborno...

Ha aqui uma voz que não será abafada, e uma penna que não será vendida.

Se usarem de violencias commigo, eu direi ainda como o philospho antigo:

«Batte, mas escuta». Porto.

Geliodoro Ab. Salgado.

O ORGÃO DA PRAÇA

O Districto de Aveiro, n'um artigo insidioso como todos os seus e n'is-

so bem prova que é regenerador, atira-se furioso a nós, porque tivemos a coragem de nos collocar do lado da opinião publica nas reclamações que faz sobre as obras da barra.

Sim, é ao Povo de Aveiro que o papel monarchico se refere, mas foge covardemente de nos citar o nome. De que tem medo, defensor illustre das santas instituições?

O fim principal do Ferrabraz realista parece que é cobrir o sr. Silverio e o sr. Dias Ferreira. Quem atacou aqui o sr. Silverio? De que o querem defender?

No artigo do Povo de Aveiro sobre os melhoramentos da barra, que o Districto visa na sombra, não ha uma palavra de referencia ao sr. Silverio. Ninguém o censurou, ninguém o feriu, ninguém o molestou. Eretanto o orgão dos balcões espraia-se em elogios ao sr. Silverio, e até faz lyrismos sobre a sua alma e o seu coração. Deixei lá a alma e o coração do sr. Silverio, que não queremos agora tratar d'isso. Olhe, o director das obras publicas d'Aveiro é para nós uma magnifica pessoa, urbana, delicada e digna. Mas em quanto á sua actividade e á sua dedicacão aos interesses materiaes d'esta terra oh!... pelo amor de Deus, passêmos adeante.

Vêjam os leitores. Em 1874 baixou ordem, segundo diz o papel regenerador, ao meritissimo director das obras publicas d'este districto para que elaborasse um projecto do melhoramento da barra.

O sr. Silverio arranhou isso immediatamente e as obras principiaram logo. Ora nove são as que constituem o projecto. D'essas só tres estão em execução, das quaes só uma está, por assim dizer, completa. As outras duas estarão acabadas, uma para o anno e a outra para... as Kalendas gregas.

Portanto, só no fim do seculo vinte estarão acabadas as obras do projecto do sr. Silverio, se estiverem! Comtudo o tal papel não permite que nós façamos observações, ou peçamos providencias para que taes obras tenham o devido desenvolvimento.

Mas aquelle Districto, aquella sabia luminaria, é muito ralão. Quasi que quer insinuar que foi o sr. Silverio que abriu a barra, quando ella aqui esteve tapada de todo. E que tal, não julga que está fallando com parvos da laia de muitos que lhe andam por ao pé da porta? Ora procure outro officio. E mesmo que isso se desse, faria o sr. Silverio alguma coisa de mais? Adeante. O papel regenerador insulta-nos depois. Está no seu campo. E' useiro e veseiro na arte. Diz que somos ignorantes e que temos má fé. E acrescenta em seguida:

«Ha muita gente que se julga sempre habilitada a discutir estes assumptos hydraulicos com a mesma facilidade com que se comprehende o movimento d'uma torneira ou o esgot d'uma garrafa.»

Chama-nos bebados, o miseravel. Attentae bem n'isto oh carpinteiros, pedreiros, sapateiros, marnotos, pescadores, vós todos filhos do povo d'esta terra que dizeis como nós, sem saber hydraulica, porque não é preciso sabê-la para isso, que a barra está má e que bom era que estivesse melhor!

O orgão dos capitães mores, o jornaleco regenerador chama-vos bebados. Nós os que pugnamos pelos melhoramentos d'esta terra sem offender nem insultar ninguém, somos bebados! Uma palavra, senhores do Districto. Cautella, porque por menos do que isso já nos temos visto na necessidade de castigar alguns insolentes fora do

campo da imprensa. O que dissesteis é indigno de jornalistas honrados.

Também se espantou o papelucho por havermos dito ao sr. Dias Ferreira, que estudasse a fundo esta questão como lhe competia na qualidade de deputado por Aveiro. E diz: «restanos ver exigir ao deputado por este circulo um diploma d'engenheiro hydraulico!»

Que sabido! Elle mesmo está chamando idiota ao seu querido amigo o ministro das obras publicas! Por ventura tem diploma d'engenheiro hydraulico o sr. Hintze Ribeiro, bacharel formado em direito e não obstante chefe supremo das obras publicas d'este paiz? Só quem tem diploma é que conhece os varios ramos da arte, da sciencia ou da administração?

Ah! bom. E' talvez por isso que o sr. Silverio, que nunca foi engenheiro hydraulico, não dá conta do recado. Pois ensine-lho, mestre, e creia que os seus conhecimentos complexos ainda o levarão á academia das sciencias.

O Districto é encyclopedico. na asneira.

BAIRRADA

Uma historia simples.

Passára-se isto ha quatro annos, mas lembra-nos como se fora hontem.

Tinhamos recebido a galanteria d'um convite para a primeira recita no theatro d'Anadia.

Fallava-se muito n'esta recita. Inaugurava-se o theatro e entrava na representação uma parte da melior sociedade bairradense.

O acontecimento imprimia um tom de animação á vida bonançosa da provincia e marchetava de cores alegres o murmuro tranquillo das conversações.

No theatro uma effervescencia notavel: fora um sonho a sua construção, devia ser uma surpresa a recita dos curiosos.

Havia grande concorrência e a curiosidade era ainda maior. Nos camarotes viam-se as mais distinctas familias da localidade. Na plateia os homens desvaneciam-se em olhares furtivos para as damas que guarneciam a sala. Era uma festa nova para a grande familia que povôa a Bairrada, um encontro inesperado e galante que regalava a vista e impressionava o coração!

Durante o espectáculo fomos na corrente dos applausos: uma chuva de ouro a cair, incessante, sobre o trabalho dos curiosos, uma nunca acabar de palmas, um braçado do bouquet. . . Mas o nosso entusiasmo, esse, soube-o comprehender em toda a sua elevação, um joven militar, ele-

Folhetim

AS IRMÃS DA CARIDADE

Sou inimigo das irmãs da caridade, por que as considero como um ataque ao principio de familia; (Apoiados), e a caridade attribuida a uma certa instituição, com o piedoso fim d'educar as creanças e tratar dos enfermos nos diferentes paizes da terra, é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus. Este cosmopolitismo não me parece necessario nem util. Um pae desvelado, no ultimo quartel da vida ou no vigor da idade, que tem todas as esperanças em que seus filhos, ou filhas principalmente, sejam o seu futuro, vê que as faces se lhes vão descolorando, vê que a fronte se lhes inclina para a terra, vê-lhe a tristeza no rosto e inquire-a, interpretando por algum desregramento do coração essa tristeza: «Que tens, filha, que mal vos preoccupa o espirito?»

«Nenhum, meu pae, fallou-me Deus, e a Deus entreguei a minha vontade e espirito, que deviam ser vossos (Apoiados). Sou de Deus, que me fez uma filha nas mãos dos seus obreiros, como se vós não fosseis o melhor obreiro; sou de Deus e vou em nome de Deus correr mundo, para limar as asperezas de rusticidade ensinando os ignorantes e socorrer os que soffrem, velando junto ao leito dos enfermos.»

E o pae hade deixal-a ir? Em nome de Deus, não.

Eis como essas padras tratam d'atrahir os corações d'essas innocentes virgens. Foi também em nome da religião, que a inquisição levantava com mão impudente essas fogueiras queimando as suas victimas, e não só as suas victimas, mas até os santos instrumentos da doutrina de Deus, os proprios livros da sua santa lei (Apoiados.—Vozes.—Muito bem) Não se queima só, queimando

gante, amaneirado, que no final do segundo acto offereceu com a graciosidade d'um homem de sala um lindissimo bouquet á dama que se encarrêgára do papel de ingenua. A ella pertenceram as honras da noite: a ella todo o brilho da festa, a ella todo o encanto da representação! Eram os vinte annos em pleno frescor, as graças da bella e a alegria d'uma primavera ridente a ostentar a pujança dos seus primores. . . Notavelmente esbelta, magestosa, com uma voz insinuante, pisando a scena com admiravel firmeza, sem se dermanchar nos gestos, parecia que a arte se familiarisára com a sua belleza e com o seu talento.

O auctor posera algures na bocca do galan umas palavras que se agitavam perfeitamente á sua situação d'ella:

«Sem um unico cuidado, sem uma contrariedade na vida, sem um unico desejo que não seja preenchido, sem uma phantasia que não se torne realidade no dia seguinte, livre, formosa, rica, não é verdadeiramente feliz? . . .»

Era assim aquella creatura, e o ruido dos seus triumphos n'aquella noite de festa devêra deixar-lhe n'alma impressões inapagaveis. . .

Ha dois dias atravessávamos a villa d'Anadia e ouvimos uns gemidos soluçantes que opprimiam o coração.

Era uma mulher que se debatia n'um pranto angustioso e dilacerante. A ingenua de hontem tornára-se esposa e mãe. A fortuna entreabrira-lhe uns raios de luz no ambiente calido dos affectos conjugaes; mas a sorte, sempre varia, carregára de nuvens o seu ceu azul de hontem.

Não que a esposa deixasse de ser feliz: a mãe, é que tivera de ser ferida no mais doce e no mais puro do seu sentimento. A morte, na hediondez d'um capricho insuperavel, debruçara-se sobre o ninho do seu filhinho estremecido e roubára-lh'o na occasião em que ella lhe lançava os carinhosos olhares do seu inorme, do seu indefinivel amor de mãe!

A feliz de hontem, mergulhada hoje em um rio de lagrimas, chora a perda da estrella polar do seu ceo de amor, e pergunta a si mesma, se a felicidade na terra é uma illusão, ou uma mentira. . .

CARTAS

Lisboa, 1 de junho.

Chegou hontem aqui o sr. D. Luiz de Bragança. A recepção feita a sua magestade não podia ser mais fria.

Os corpos da guarnição tinham ordem para formar ao longo do percurso seguido pela regia comitiva, porem

as carnes, carbonizando os ossos; queimava-se apartando do coração, desfazendo e levando para longinquas paragens o que elle tem de mais caro. (Apoiados).

Eu conheço o que pode haver de poetico, de curioso e sublime n'esta instituição de irmãs da caridade; mas conheço também quanto n'ella ha de arriscado e perigoso, mesmo pelas eloquentes e calorosas palavras com que o nobre e respeitavel fundador d'esta instituição descreveu as vantagens d'estes institutos e a sua necessidade.

Depois d'algumas considerações asceticas sobre o seu modo de vestir, de trajar e comer, que ainda hoje supponho que são rigorosamente observadas, descreve, elle os institutos das irmãs da caridade do seguinte modo. (Lem) Mas no meio d'estas palayras sahida da bocca d'este nobre e respeitavel fundador, que suspiras, que escrupulos de consciencia, que novens e que mil conjecturas se podem formar! Que perigos, e que consequencias gravissimas se podem seguir! Respeito os actos religiosos de S. Vicente de Paula; mas a camara não pôde estranhar que eu empenhe todas as minhas forças, que recorra a todos os meios, que empregue a minha razão e intelligencia para combater esta doutrina, que julgo pernicioso ao socego das familias. A camara já sabe que eu sou adversario jurado d'estas instituições.

A virtude da mulher é a modestia e o recato, junto de seus paes e debaixo das vistas da sua familia.

O padre Vieira, fallando dos governadores do Ultramar, que já n'esse tempo iam encher-se de riquezas nas nossas possessões, comparava-os com as nuvens (não sei se a figura philosophica é bem cabida) que vão encher-se ao mar e que elevando-se ao firmamento vão despejar-se em longinquas regiões.

«Vinde cá, dizia elle, nuvens ingratas, que vestes encher-vos aqui, e que leveis o fructo que colhestes para longinquas provincias.»

Digo também o mesmo. Virgem bella,

um telegramma do sr. D. Luiz dispensou essa formalidade. Todavia nem por isso os officiaes militares deixaram de ser incommodados. Houve ordem do quartel general para que os officiaes superiores de todos os corpos comparecessem na estação, e convite para o o mesmo fim a todos os outros officiaes. Ora este convite foi convertido em ordem pelos coroneis. Aquelles senhores chamaram os officiaes dizendo-lhes que podiam deixar d'ir á estação se quizessem, mas que lhes parecia mais conveniente, que fossem, e que assim o esperavam. Alguns foram um pouco mais longe. Por exemplo o regimento de Infantaria cinco tinha de fazer, como fez, guarda de honra á procissão da cidade. Pois o commandante mandou dizer a varios officiaes, que estavam dispensados d'assistir á formatura com a condicção d'irem á estação. Soberbo tudo isto! Os officiaes revoltam-se em geral contra os taes convites ordens, mas lá vão indo para evitar questões. Quem ignora comtudo o que estas surdas irritações poderão produzir? Nós gostámos.

Tudo isto vem a proposito da fria recepção feita a sua magestade. A concorrência de povo nas ruas era insignificantissima e na estação não se viam senão fardas, fardas, sempre fardas. Mas saiba-se como essas mesmas fardas foram arranjadas! Foram-no pela forma, que indiquei.

—O comboio real chegou á gare de Santa Apollonia ás sete horas em ponto. O sr. D. Luiz desembarcou, recebeu os cumprimentos dos altos agaloados e atravessou por entre o militarismo, o functionalismo civil, que abundava pouco, e os homens da corte no meio d'um silencio sepulchral. Ninguem ousou levantar vivas, porque sabia que não seriam correspondidos pela maioria d'aquella mesma gente officiosa. No rosto dos circumstantes divisava-se uma indifferença profunda. E de facto, o que mais caracteriza esta nossa sociedade é uma indifferença atroz pela monarchia, uma indifferença dilacerante que precede sempre uma grande dissolução. Com franqueza, eu antes queria uma guerra activa de parte a parte do que isto. Os caracteres retemperam-se na lucta e abatem-se na indifferença.

Como a alma de sua magestade iria triste! Um jornal hespanhol conservador disse que no rosto dos reis estava escripta aquella duvida incerta do seu predilecto Shakspeare.

Incerta e terrivel!!

—O principe regente andou n'uma roda viva durante o tempo que o papá esteve lá fóra. Fartou-se de visitar navios, quartéis, o diabo. Os jornaes monarchicos renderam-lhe por esse motivo mil elogios, applaudindo-lhe a dedicação, a actividade, o talento. Fizeram mal, creiam. O silencio, d'ordinario, vale muito.

Nos quartéis deram-se scenas de

que, educada debaixo das vistas do vosso pae, creis para elle o seu allivio, a sua esperança, o seu contentamento e a sua congregação religiosa, para que ides levar tão longo o fructo dos exemplos paternos?

Vozes.—Muito bem, muito bem.

Acho desnecessaria a instituição.

Pois ha de ir uma irmã da caridade transportada em vapor, em caminho de ferro, para acudir aonde? Aonde está essa terra privilegiada de males e de doenças? Aonde não ha doentes a tratar, creanças para instruir ou velhos que precisem de ser consolados? Para que é esta organização como a de um grande exercito; esta obediencia ás ordens dos superiores; estas marchas constantes para a America, da America para a Africa, e da Africa para a Europa? Se isto se não citasse era bom. Mas tudo se cita, tudo se sabe, tudo se reproduz no parlamento, tudo se escreve nos jornaes. Se Deus quer que a caridade seja tão occulta, que a mão direita não saiba o que dá a esquerda, para que é então decorar a cabeça das suas sacerdotisas com um certo ornato, e cingir-lhes o corpo com uma certa e determinada fazenda, proclamando, festejando e assigalando assim a caridade? (Apoiados)

Vozes.—Muito bem.

Eu queria que a caridade, podendo ser, fosse invisivel; e as irmãs da caridade teriam redobrado as suas virtudes se se vissem as suas obras, sem nunca se saberem os nomes, ou se apontarem as pessoas que as praticavam. A mulher sobredito da alta classe, que vai com os pés mimosos costeando as portas menos abertas á limpeza até chegar ao leito do pobre, e que vai ali com a ignorancia da sua propria familia, envergonhando-se da sua propria virtude, mas sempre fiel aos seus sentimentos, lembrando-se dos soffrimentos dos seus semelhantes; essa mulher é mais christã, mais senhora e mais nobre que as irmãs da caridade. A mulher com uma caridade verdadeira, sobretudo a mulher d'uma alta garcharia, que ajoelha perante o leito do mais infimo, querendo praticar a caridade, não ha de estar a vêr-se a pelho das suas grandezas,

morrer com riso. Os coroneis de Lisboa, escolhidos a dedo para aqui pela sua sabujice real, unica cousa que os distingue, porque raro é aquelle que escreve firmemente o seu nome, deixaram-se disfructar d'uma maneira incrível. Contaram-me d'um que andou toda a tarde em correrias pela parada a afugentar os cães, no meio da gargalhada dos seus subalternos, e que poz fóra do quartel todos os recrutas que não tinham fardamento. Estupendo! A presença d'um triste cão ou d'um pobre recruta poderia ferir a serenissima vista de sua alteza serenissima.

Contaram-me d'outro que se arre-messou a beijar a mão do principe como um doido, determinando aos officiaes que seguissem o seu pundonoroso exemplo. Felizmente, teve de o determinar duas vezes. Felizmente, digo, porque demonstra a má vontade dos outros, ou o seu brio, que é a mesma cousa.

Note-se que o beija—mão está prohibido. Se as taes beijocas são indignas de paisanos, na opinião da propria realza, são tres vezes indignas de homens que vestem uma farda honrada. Aos membros da familia real não bastam as continências regulamentares? Para que são essas vilanias sabujas?

Oh! bravos militares d'outrora, se conhecesseis estes pygmeus!!!

—Fez annos ante-hontem o nosso querido amigo Sebastião de Magalhães Lima. Alguns dos seus amigos aproveitaram essa occasião para lhe demonstrar n'uma festa íntima quanto apreciavam o seu honrado caracter.

—Consta-me que se activamos trabalhos para a reunião d'um congresso republicano em Lisboa, a fim den'elle se tratar da organização definitiva do partido republicano. Que elle tenha bom exito, é o que mais ardentemente desejamos.

Porto 30 de Maio.

Collegas e amigos

A respeito de politica, no Porto, é coisa que não apparece ha muito e, diga-se sem reboço, também a cidade não perde nada com isso. Houve ante-hontem uma reunião dos «cardozistas», ou «progressistas fieis», mas foi, como a ultima dos «barristas», ou grupo dos «infieis salamanqueiros», á porta fechada, sendo a entrada por cartas de convite e sendo os convidados escolhidos «a dedo».

Eis a confiança que os chefes tem nos soldados! Leiam e pasmem!

Como sabem, o «partido» progressista no Porto, nunca foi partido senão desde a Salamancada para cá, epocha em que se dividiu em dois grupos distinctos. (Distinetos é um modo de fallar.) «Partiu-se e principiam as «par-

nem recordar-se dos degraus do seu palacio; ha de esquecer-se de tudo isto, e lembrar-se unicamente que está debaixo da mão de Deus e junto do povo que nasceu do pó, como ella e como todos os grandes. Esta é a verdadeira caridade.

A caridade, para mim, deve ser livre, espontanea, (Apoiados) instintiva, livre de toda a suspeita de vaidades humanas. A caridade não admite recompensa, nem galardão, nem menção. A caridade está toda dentro do coração do homem e da mulher, e homem caridoso envergonha-se de que sejam citadas as suas acções virtuosas.

Eu venero e respeito a instituição das irmãs da caridade, venero os preconceitos d'onde ella nasce, respeito as opiniões erroneas que a sustentam; mas acho que é exaggerada e desnecessaria; e que não tem a verdadeira consideração para com os sentimentos humanos que se devem respeitar. A crenga na virtude não dispensa o respeito ao decoro publico, assim como a religiosidade, no sentido que lhe dão os theologos, não dispensa o culto externo; e o culto externo das irmãs da caridade é pouco consentaneo com as formas, com os costumes e com as prevenções da autoridade civil. Eu prefiro a caridade que pode comprehender o melhor serviço de Deus e dos pobres, sem contudo offender as susceptibilidades humanas.

A caridade é uma poesia do coração e não admite regras; é como a poesia do sentimento que se lhe pozerem ao lado os preceitos de Horacio, e as tres unidades de Aristoteles, perdeu-se o esforço, fugiu o estimulo, morreu o genio; e a caridade é uma arvore immensa que cobre a humanidade toda, e que depois que foi regada com o sangue de Christo cresce sempre na extensão do desenvolvimento do genero humano; esta caridade vale muito mais que os bouquetes recortados que só podem dar sombra ás pessoas mimosas que os cultivam, mas que não podem dar larga sombra a toda a humanidade que soffre. (Apoiados.—Vozes.—Muito bem)

E o receio que eu tenho é este; é que criando nós officiaes publicos de um senti-

tidas que tem feito rir os bons portuenses, estranhos a esta «reinata»!

Um dos grupos é o «cardozista» ou dos «fieis» por ser capitaneado pelo par do reino Costa Cardozo, e ter combattido, com o chefe Braamcamp, o escandaloso incluível do syndicato—Salamanca:

O outro grupo é o «barrista» por ser capitaneado pelo presidente da camara, Correa de Barros; a este grupo chamam-lhe o dos «infieis», por ter abandonado o chefe e auxiliado a pouca vergonha «syndicateira»!

Reatemos o fio da conversa.

Esta reunião não pode chamar-se politica, por não interessar em nada ao paiz, promettendo (e cumprindo) moralidade na administração publica. Se é politica, é de corrilhos, de interesses particulares, e de conveniencias pessoasas.

Por isto digo que no Porto não ha nada de politica, tomando esta palavra na significação real d'ella.

Ora o que não ha dispensa-se bem, diz lá a comedia. Adiante e a outro assumpto.

O facto mais importante, desde a minha ultima carta, é a continuação dos trabalhos da excellente companhia de zarzuella, do theatro Baquet.

É o grande successo da epocha, e difficilmente apanharemos tão cedo, uma «troupe» que eguale esta, porque coisa superior, no seu genero, parece-me não ser possivel existir.

E' a companhia mais completa que nos tem visitado. Eu, que, na qualidade de correspondente especial do «Liceo Brigantino», da Coruña, tenho assistido a todos os espectaculos até hoje dados pela companhia de D. Maximino Hernandez, posso affiançar-vos que ainda não veio ao Porto uma tão admiravel pleiade de artistas, um tão variado e escolhido repertorio, finalmente uma «troupe» tão sympathica e tão distincta, quanto modesta.

Só vista, se acredita, a bellissima interpretação dada por todos os artistas a todas as peças musicas que até hoje tem posto em scena a companhia a que me refiro.

Especialisarei d'entre os cavalheiros, D. Maximino, e Senis, o primeiro, baritono e director da companhia; o segundo, tenor comico. São dois artistas completos. No canto admiraveis, na declamação soberbos! São cantores distinctos e actores consumados.

D'entre as senhoras, especialiso a St.ª Gonzalez e a St.ª Carmona, duas tipples de elevado talento musical e scenico.

A St.ª Gonzalez, canta esplendidamente, a sua voz tem, de quando em quando, uns gorgeios tão suaves, tão harmoniosos, que parecem transportar nos ás regiões aladas onde um deliciosa orchestra de anjos executasse a mais divina das harmonias.

mento que até agora todos nós temos tido, vamos matar o espirito caridoso que é distinctivo do nosso paiz. (Apoiados)

As irmãs da caridade nasceram n'uma epocha de brutesa e de sentimentos menos dignos e menos apurados de humanidade; (Apoiados) hoje diz-se, que a civilização moderna tem corrompido os costumes; pois eu gosto muito mais da corrupção d'estes tempos d'agora, do que das virtudes do tempo passado. (Apoiados)

Eu espero muito mais d'estes principios, que se dizem subversivos da moralidade humana, do que espero d'aquelles que então predominavam n'umas certas classes que se assestavam das consciencias julgando que eram cousas suas, (Apoiados) e também dos bens, que possuíam, julgando que lhes pertenciam. (Apoiados)

O sentimento nacional de caridade é inextinguivel entre nós, (Apoiados) está estabelecido em todas as classes e em todas as localidades (Apoiados) por todos os modos e maneiras, e não quer que haja uma corporação especial para este fim, (Apoiados) e é preciso que a não haja para que não esmoreça esse sentimento com distincções dadas a uma classe que a não merece, nem é digna de galardão, porque foi caritativa.

Uma mulher com quatro filhos que choram de fome, que distribue, apesar d'isso metade do seu tempo, do seu carinho e do seu pão com uma vizinha desgraçada, não gosta da differença que se faz da sua classe, que é digna pelo sentimento natural de beneficencia, quando vê uma outra abastada, honrada, elogiada, correndo de carroagem, pregoando a caridade. (Apoiados.) Eu não partilho d'esses preconceitos e reparos que se fazem, porque a caridade s'exerce de carroagem, mas é preciso que quem assim a exerce se lembre, não do grande salto que deu para descer da carroagem, e entrar na casa do pobre, mas do salto que deu para subir a ella, porque a sua posição lhe trouxe o dever de socorrer os desvalidos.

E' muito comedia a declamar, não exagerando nem compromettendo o personagem que representa; dá ao seu papel um tal relevo, reveste-o d'uma graciosidade tão gentil e encantadora, que a gente não se cansa de applaudir tão distincta artista.

S. st.ª Carmona, tem uma deliciosa voz, de timbre metalico e agradável, canta com superior correção e sabe tirar partido das mais pequenas coisas.

Declama muito bem e possui uma excellente apresentação. Tem toda a «desinquietude» e o «salero» d'uma filha da Andaluzia, todo o talento e recursos d'uma artista illustre.

Maximino Hernandez, é o director da companhia, cargo que mais ninguém d'ella podia desempenhar. E' incontestavelmente, o seu primeiro actor e um excellente baritono. A naturalidade com que reveste os papeis de que se encarrega, por mais diversos que sejam os generos dos personagens, dão-nos a medida do seu esplendido talento e a prova de que é uma notabilidade da arte e uma gloria da Hespanha.

Isto, como artista. Como cavalheiro, no seu tracto particular, é a delicadeza em pessoa, a modestia personificada. Maneiras distinctas, phisionomia insinuante e sympathica, porte altivo, e delicado até ao ultimo extremo, taes são as qualidades apreciáveis que o tornam querido de todos que sentem como eu, o prazer de travar relações com elle e conquistar-lhe amizade.

Quem fallar a D. Maximino uma vez, fica desde logo, sendo amigo d'elle.

Senis, é um apreciavel tenor comico, com muita «verve», habilidade e modestia. A sua voz não é muito timbrada mas o seu methodo de canto, é excellente e a sua declamação naturalissima. O «corregedor», dos «Mantos e Capas», o «barbeiro», do «Barberillo», o «periodista» da «Guerra Santa», não podiam ser melhor desempenhados, a meu ver.

Todo o conjuncto da companhia é magnifico; o corpo de côros é completo e distincto. Cada corista é, por assim dizer, um actor, como já notou um collega nosso. Tem cada um o seu movimento scenico, gesticulação apropriada e vestuario correcto. Ainda n'este ponto a companhia de D. Maximino Hernandez veio ensinar as companhias portuguezas. Os coristas dos nossos theatros vestem mal, cantam mal e são uns perfeitos automatados, sem jogo de scena e sem nada.

Os côros da zarzuela, estão brilhante e artisticamente ensaiados e tem sido calorosamente applaudidos quasi todas as noites.

Depois da minha ultima carta, D. Maximino fez subir á scena, as zarzuellas «La Calandria», «Mantos y Capas», «El Barberillo del Avapis», e «La Guerra Santa», «La Calandria», em um acto, é um pretexto, para a st.ª Carmona, cantar umas chistosas «malagueñas» que agradaram muito.

«Mantos y Capas», em tres actos, é bordada de alguns numeros de boa e opulenta musica, sendo dignos de menção especial, o «coro dos pretendentes» no segundo acto, o duo das tiple, e o coro dos policias.

Distinguiram-se no desempenho, Maximino, Senis, Riva, Carmona e Gonzalez.

O «Barberillo del Avapiés», é já largamente conhecido do nosso publico que applaudiu com entusiasmo alguns trechos de musica, fazendo repetir o duo da tiple Carmona e tenor Senis, do segundo acto.

Desempenho excellente.

Fallemos agora da «Guerra Santa», mais de espaço. Esta apparatusa peça é extrahida do famigerado livro de Julio Verne: «Miguel Ostrogof, o correio do czar», pelos srs. D. Henrique Perez Escrich e D. Luiz Mariano de Larra, adornada com musica do reputado maestro Luiz Arrieta. O enredo da peça, raro é o portuguez que o não conhece por ter lido o livro d'onde foi extrahida, livro que faz parte da collecção editada aqui por David Corazzi, o principe dos editores portuguezes.

A musica de Arrieta, é elevadissima e a execução brilhante que hontem teve em «primiere», pela companhia e D. Maximino, foi correcta e distincta.

Principalmente a entrada do baritono no 1.º acto, a canção da tiple e coro de guerreiros do 2.º são esplendidos e expressivo concertante final do mesmo e a aria das tiple no 3.º acto, são

d'um primor de execução que deixam ficar todos encantados. No final do segundo acto e no final do spectaculo, as chamadas multiplicaram-se e toda aquella platia, selecta e numerosa, se ergueu unisona a applaudir enthusiasmada tão primorosa execução de libreto e musica.

O guarda-roupa da peça e grande parte do scenario, que são propriedade de D. Maximino, são magnificos e a todo o rigor.

O todo da peça é a deliciosa musica que a borda, dão umas certas lembranças da «Aida», de Verdi; especialmente, o movimento scenico e a grande marcha do 2.º acto, executada pela musica de infantaria 10, no palco.

Ao findar o segundo acto toda a gente era concorde em que a «Guerra Santa» não é uma zarzuela, mas uma notavel opra, que exige grandes recursos e que os encontrou nos distinctos artistas que se encarregaram do seu desempenho.

Demais, a «Guerra Santa», é peça para se conservar largo tempo em scena e dar grandes lucros á empresa, do que ella é digna pelas excellentes noites que nos proporciona.

Fallemos agora do desempenho.

Era impossivel deixar de citar em primeira plana, a D. Maximino («Miguel Ostrogof») que na brilhante scena que tem com o imperador da Russia, executa toda a pragmatica da corte moscovita, com uma naturalidade sem igual. Na scena da «casa de postas» e na scena da defesa de sua mãe, excellentes. N'esta ultima arrancou aos espectadores copiosos applausos, pelo grande cunho de verdade com que a fez.

Hurrah, pelo notavel artista!

Senis, no seu gracioso papel de jornalista hespanhol, esteve como nunca admiravel. Constitue uma criação sua, tão magistral despenho.

E' o typo fiel, de «reporter», intelligente pela sagacidade que possui e humorístico, pela fina «verve» com que apimenta todas as phrases.

Simplemente admiravel.

A scena anterior á partida da «casa das portas», em um carro «funerario», a reclamação das leis internacionais, quando é pilhado pelos revoltosos dos montes Urales, valeram-lhe delirantes applausos pela maneira naturalissima como se houve.

Bravo, ao sympathico tenor!

Riva no papel de «Agoreff», e Alcalde no de «imperador da Russia», muito bem.

Fernandez T., no papel de «Mr. Canard», unico.

A sympathica st.ª Gonzalez no papel de «Sara», ricamente vestida, e a st.ª Carmona no papel de «Maria», como sempre admiravelmente, arrancando estrepitosos applausos.

As decorações de mais effeito são as da estação de Moscovo; «La Poterna» e lago Baihal, e foram pintadas em Madrid pelos srs. Basalto e Bonardi.

Que D. Maximino Hernandez, accete aqui publicamente, mil parabens, pelo exito alcançado pela sua «troupe», e o testemunho da muita sympathia que me merece, a mim como a todos os que o conhecem.

Interpretando os desejos de todos os portuenses, eu faço votos por que D. Maximino se não lembre de retirar-se tão breve para longe de nós que o applaudimos com enthusiasmo e com inteira justiça.

Alberto Besa

A declamação tola do papel regenerador produziu verdadeira indignação no povo d'esta terra. Todos se revoltam contra a imposição despotica do representante dos capitães mores, no que toca ao silencio que quer que guardemos sobre os nossos melhoramentos materiaes.

O Povo de Aveiro, de facto não censurou a direcção das obras publicas, não disse que as barras d'arêa fossem facéis de melhorar, não atacou tudo nem todos por systema. Limitou-se a reclamar um impulso vigoroso ás obras da barra, lembrando que no momento em que se vão gastar milhares de contos com o porto de Leixões á custa de toda a nação, podia-se muito bem gastar com o nosso algumas centenas.

Isto é, dissemos o que a opinião publica diz por ahí, collocámos-nos do lado dos interesses industriaes e com-

merciaes d'Aveiro, altamente prejudicados pelo estado do porto. Pois o papel dos capitães mores quer que tapemos a bocca e não digámos cousa nenhuma. Nove são as obras do projecto, diz elle pomposamente, uma está quasi prompta, a outra talvez o esteja para o anno, a terceira ainda está muito atrasada e as restantes estão... no papel. Muito bem. As obras principiaram em 1874. Ora supponhamos que as tres primeiras, visto o seu estado d'atrazo, levam 15 annos a completar. As nove só estarão promptas no fim de 45 annos, isto é, em 1919!!!

E se depois dão o mesmo resultado que as celebres portas d'agua, uma especialidade das taes obras! Quem se admirará, agora em vista d'isto, de que a barra tenha estado sempre no mesmo pé, com pequenas variantes, durante perto de trinta annos? Não queira mais aquelles defensores, sr. Silveiro.

Acontecem ultimamente uns casos exquisites na estação telegraphica de Albergaria Velha. A estação de Pecegueiro, visinha da de Albergaria recebe telegrammas particulares que tem de demorar, sem poder expedir, durante 5 e ás vezes 6 horas; com um telegramma de serviço succedeu já ser recebido em Pecegueiro com direcção a Agueda ás 10 horas da manhã, dando entrada em Agueda ás 6 e tantos minutos da tarde. Isto é quasi incrível, mórmente attendendo á preferencia que gosa o telegramma de serviço sobre todos os outros. E' porem um facto e prova-se.

Informam-nos que isto se deve attribuir ao serviço d'Albergaria.

Nós, ficamos por aqui por hoje.

Os passageiros do Anselmo, do Pará, que ultimamente fizeram quarentena no Lazareto de Lisboa, queixam-se amargamente do mau serviço que ali lhes fizeram. Quasi todos estiveram mal de saúde experimentando prenuncios e symptoms d'envenenamento. Desconfiam que os vasos de cosinha eram de cobre e estavam oxidados. Foi, durante oito dias, um supplicio e mal estar indizivel, alem da cosinha ser pessimamente preparada.

Do preço fabuloso que os extraordinarios, de resto indispensaveis, ali custam só se pode avaliar sabendo-se que a conta individual sobe a dezenas de libras esterlinas.

Que aquillo é uma caverna de Caco, uma Falperra e uma Azambuja sabemos-lo, infelizmente, por experiencia propria. Desembarcar a Liverpool, Havre, Bordeus etc. eis o remedio por ora.

Ha no districto de Vizeu um pandigo que concentra na sua quasi encyclopedica pessoa o lugar de escrivão e tabelião, o de secretario da camara e o de vereador da mesma.

Bem diz a gente da monarchia que ha falta de homens... para a presidencia da republica por exemplo; mas olhem que ha muita gente com exame d'instrução primaria, cousa de que o seu Carlinhos se não poderá gabar.

Tem estado doente o nosso illustre correligionario e escriptor, sr. Oliveira Martins. Desejamos as melhoras deste cavalheiro, cujos dotes de honestidade, illustração e austeridade muito admiramos e apreciamos.

Queixam-se os povos de Sever do Vouga da inacreditavel incuria do sr. juiz ordinario d'aquelle julgado. Parece que este funcção nario se encarregou do logar somente para servir a facção politica que o fez despachar, talvez para dar pasto á «aidade», para fazer figura, etc. etc. O caso é que a respeito de serviço passam-se semanas sem o sr. juiz apparecer no tribunal a fazer audiencia como por lei é obrigado.

Entre dezenas ou centenas de casos, contaremos hoje apenas um por não haver logar para mais.

A 25 de fevereiro proximo findo requereu Antonio Lopes da Silva, negociante a barra de Sever, ao sr. juiz

ordinario procedesse contra Delfina, mulher de Manoel Favares do Lourical, de Silva Escuro, por lhe ter roubado da sua loja um xaile, que por diligencias d'um caixeiro de Lopes foi no mesmo dia encontrado aos hombros da roubadora, a qual apanhada n'este flagrante chegou até a confessar o delicto.

O supplicante Lopes da Silva apresentou seis testemunhas no seu requerimento de queixa, e da entrega do mesmo ao sr. juiz dá tres.

Pois bem; até hoje nada se fez e cremos que nada se fará se superiormente não baixarem providencias; o que esperamos.

Por hoje ficamos aqui.

Ha dinheiro ou não ha dinheiro, sr. Thomaz da Delfina?... Olhe que os professores de Sever do Vouga não recebem ordenado caminha para nove mezes, e então a respeito de gratificações—era uma vez. Ouviram fallar nellas por occasião da publicação da lei Sampaia, e depois moita. Nunca nem um real.

Olhe que o Zé principia a dizer que a commandita Luiz, Fontes e companhia não sente aguilhão, não oode ás accusações que lhe fazem de pretender a todo o custo e descaradamente conservar as grandes massas nacionaes em crassa ignorancia. Diz tambem que uma quadrilha de salteadores dentro da lei é mil vezes mais infame que o bandoleiro da encruzilhada.

Tio Thomaz, medite na limitação de tudo existente, e considere que a paciencia o é mais do que tudo.

Cumprimentamos o nosso amigo o sr. José Rodrigues Carvalheira, intelligente director da musica de Sever do Vouga pelos progressos que a mesma tem feito, o que tivemos occasião de verificar na festa de Corpus Christi. Dignos de elogio são tambem os seus briosos companheiro pela sua dedicação e disciplina.

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

—Coimbra em Fralda, 1.º n.º E' um excellentes jornal, que de mais a mais, justifica nos seus escriptos o titulo que adoptou.

O Petiz, n.º 5. Publica-se no Porto, ás quartas feiras á tarde.

—A Caça, n.º 1. Dedicase, como o titulo indica, á caça.

Tanto a Caça como os dois outros jornaes de que fallamos, são excellentemente redigidos.

Desejamos-lhes longa e prospera vida.

—Egualmente recebemos a Miscellanea Musical, n.º 4 e varios livros de que não fallamos agora por absoluta falta de espaço. Cedo porem faremos a devida apreciação, de tudo conjunctamente.

Dizem-nos que no dia 1 de julho vindouro haverá na praça do largo do Rocio d'esta cidade, uma esplendida tourada.

Como é a primeira d'este anno e o gado promette ser bom, a concorrência deve ser grande.

Diziam um dia d'estes dois individuos na rua d'Alfandega:

—Quem será o tecnico ou o entendedor que escreveu aquillo no Districto?

—Ora, algum sabio fossil, ou algum engenheiro de pontes e calçadas. Quem sabe? Talvez mesmo algum d'esses engenheiros curiosos, que fallam d'alto n'estas cousas.

O nosso folhetim é extrahido do magnifico discurso de José Estevam contra as irmãs da caridade. Deve agradar aos beatos.

Vaga por ahí um mariola a quem chamam Tibitá, que acoreçoado pela nossa elite, pode praticar qualquer acção, mais ou menos criminosa, certo de que fica sempre impune. Não sabemos bem se elle é ou se inge idiota para viver

á barba longa; o que sabemos é que pelos seus maus costumes não merece a protecção que lhe dispensam.

Domingo 27 de maio, passava por elle nos bálcoes, um rapaz já moço, quando uns garotos o faziam insultar com a troça do costume. O Tibitá volta-se para o rapaz e pespega-lhe uma tremenda bofetada. Este indignado como ficaria outro qualquer, pagou na mesma moeda o brutal trespasato. Dois figurões que estavam d'ali perto correram para elle e depois de o espancarem e lhe romperem o collete que trazia vestido, dispunham-se a levá-lo preso, quando outras pessoas menos fanaticas pelo velhaquete e testemunhas presencias de tudo, lhes fizeram ver o desacerto da prisão.

Se fosse, em lugar d'este ocioso, ás vezes immoral, um artista sem trabalho, um d'esses desgraçados que se podem dizer vagabundos involuntarios, a aristocracia dos bálcoes corria-o á paulada quando estendesse a mão á caridade. Mas cautella com algum canalha menos soffredor, que pode, quando se lhe esgote a paciencia, provar ao pseudo-tolo e a qualquer que tente defendel-o, a rijeza dos seus musculos.

Pedimos providencias ao sr. administrador do concelho. Não pode um cidadão qualquer estar sujeito a ser insultado por esse mariola e pelos seus guarda-costas. Se é doído, mettam-no n'um hospicio, e se é apenas vadio, cadêa com elle.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

José Marques d'Almeida e Christo, tendo de retirar para o Zaire no dia 5 de julho proximo, recorre a este meio para se despedir de todas as pessoas suas amigas e conhecidas, a quem agradece penhorado as provas de sympathia e amizade que lhe tem dispensado; e ao mesmo tempo protesta-lhes o seu reconhecimento, pondo ao dispor de todos o seu limitadissimo prestimo no Zaire, aonde vai dedicar-se ao commercio.

Aveiro 31 de maio de 1883.

Consta que as despesas dos jornalistas portuguezes que foram a Madrid para incensarem as megestades em correspondencias lorpas e sabujas, serão pagas pelo nosso governo.

Não falta mais nada! O povo que se sente quasi a braços com a fome ha de supportar estes desperdicios todos e calar-se. Se tentar oppor-se aos esbanjamentos da corte e dos stellites que a acompanham, lá estão os trabucos da tropa para lhe embargarem a vós na garganta.

Tristissima situação!

Muitos jornaes de Madrid, e até o correspondente do Journal do Commercio, dizem que o sr. dr. Theophilo Braga assistira ao banquete efferecido n'aquella capital aos jornalistas portuguezes. Entretanto o illustre democrata achase em Lisboa e nem sequer pensa em ir á Hespanha. O que nos parece, á vista d'esta noticia e de outra que ha dias veio transcripta em alguns jornaes, affirmando que o nosso mestre é amigo, estava em Madrid, é que um intrujão qualquer se apresentou no reino visinho com o nome de Theophilo Braga. Não admira: ha muita gente capaz disso, entre a cafila que acompanhou o sr. de Bragança.

ANNUNCIOS A LUIZ DE QUILLINAN HOMENAGEM

DA CLASSE TYPOGRAPHICA PORTUENSE

Publicações collaborada pelos Ex.ª Srs. Rodrigues de Freitas, Oliveira Martins, Oliveira Ramos, etc. Otto paginas in-4.º nitidamente impressas, com o retrato do illustre major.

Acha-se á venda nas principais livrarias.—Preço 40 reis.

O producto liquido d'esta publicação é destinada a premiar o alumno que mais se distinguir em qualquer estabelecimento de instrução, d'esta cidade, e que siga a carreira militar. Requisições á IMPRENSA COMMERCIAL, Lavadouros, 16. Porto.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA
COM
OFFICINA DE SERRALHARIA
EM

MAQUINAS

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de aço, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimales, e tudo pertencente o seu ramo.

Preços sem competencia.

GRANDE
NOVIDADE



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova
machina de cozer de

LANÇADEIRA OSCILANTE

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Agulha ajustavel de per si.—Dóis mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem igual.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elastico. Todo o seu mecanismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR DOZE ANNOS
PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

Para familias; para alfaiates; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscilante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaiates e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscilante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS
VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES
SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legítima da Companhia Fabril Singer.»

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

AVEIRO

52—Largo da Praça—53

OVAR

Em todas as capitães de districto de Portugal

NOITES ROMANTICAS

F. N. COLLARES

18—LISBOA, RUA DA ATALAYA

O Rei do Crime

LURO VELÓCE & C.ª

Grande Romance de costumes contemporaneos, cuja acção principal se passa em Portugal e Brazil por C. BONHEUR

ilustrado com magnificas gravuras de senhos francezes.

50 rs. cada semana 5 folhas ou 4 e uma estampa em todo o paiz.

Brindes aos srs. angariadores de 6 até 40 assignaturas.

BRINDE Á SORTE
UMA INSCRIPÇÃO DE 100\$000

LA ILUSTRACION

MILITAR

(Revista litteraria, scientifica e artistica)

Este esplendido jornal, dedicado á classe militar, publica-se mensalmente em Madrid, impresso em superior papel de grande formato, com gravuras magnificas de acontecimentos militares, primorosamente executadas por distinctos artistas. Muitos n.º são acompanhados d'um supplemento com uma gravura de dupla pagina para album ou quadro e mais duas paginas de leitura amena: cada n.º ordinario contem 16 paginas a 3 columnas de luxuosa impressão, e o n.º do supplemento contem 20 paginas.

Publica em cada n.º pelo menos, 10 gravuras.

Os preços da assignatura em todo o reino de Portugal são os seguintes.

Anno..... 2:300
Semestre..... 1:200
Trimestre..... 600

Não terão valor os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia em vales do correio.

Dirigir para subscriver ao Representante, no Porto:

A. A. de Bessa Carvalho
Campo 24 d'Agosto, 138.

ATENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de iluminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

! NOVIDADE!

**Ourivesaria Manu-
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão.

Galeria Republicana

Editor e proprietario
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis

Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500
Semestre ou 12 numeros..... 720
Trimestre ou 6 numeros..... 400
No acto da entrega..... 70
Numero avulso..... 100

Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros..... 1\$600
Semestre ou 12 numeros..... 800
Africa e estrangeiro accrece o importe do correio.

Brazil, anno ou 24 numero (moeda forte)..... 3\$000

Questão da sebenta

I

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas á Sebenta»—do dr. Avelino Cesar Callisto. 1 folheto 60 reis.

II e III

«O sr. Camillo C. Branco e as suas notas á Sebenta»—por Avelino Cesar A. Callisto.

«Duas palavras ao sr. Camillo C. Branco»—por José Maria Rodrigues. 1 folheto 60 reis.

IV

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas ao folheto do dr. Avelino C. Callisto». 1 folheto 60 reis.

V

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«A cavallaria da Sebenta»—Resposta ao theologo. 1 folheto 100 reis.

VI

«As evasivas do sr. Camillo C. Branco»—por José Maria Rodrigues. 1 folheto 100 reis.

No Prelo

VII

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Segunda carga da Cavallaria»—Réplica ao padre. 1 folheto grande 150 reis.

Toda a colleção..... 530 reis
Pelo correio..... 560 »
Na livraria de ERNESTO CHAR-
DRON—Porto.

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarelo gordo de boa qualidade a 1:600 reis por cada arroba antiga (14,688) e a retalho a 120 reis o kilo, vende-se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

EMPREITADA A CONCURSO

Para a construcção de um jazigo de familia no cemiterio da freguezia da Murtosa, recebem-se propostas em casa de Antonio José de Freitas Guimarães, na Praça de Pardelhas, e n'esta cidade, em casa do exm.º sr. commendador Manuel José Marques e Silva Tavares, na rua do Passelo, onde estão patentes a planta e orçamento, todos os dias.

BILHAR

Vende-se um com todos os seus pertences e muito em conta.
Nesta Redacção-se diz.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA
4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

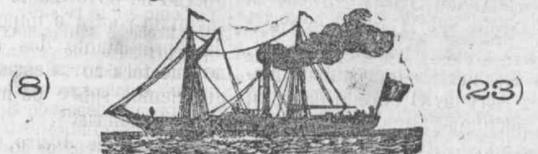
Fabrica de Bolacha e Biscoutos

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA
CONVENTO DA ESTRELLA
COIMBRA

BOLACHA		BISCOUTOS	
	Kilo		Kilo
D. Luiz.....	220 rs.	Limão 1.ª.....	220 rs.
Franceza 1.ª.....	230 »	» 2.ª.....	210 »
» 2.ª.....	210 »	Canella 1.ª.....	220 »
Agua e Sal 1.ª.....	240 »	» 2.ª.....	190 »
» 2.ª.....	230 »	Lacinhos.....	250 »
Leve.....	210 »	Suissos.....	400 »
Torrada.....	240 »	Belgas.....	320 »
Requife 1.ª.....	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª.....	260 »	Linguas de gato.....	400 »
» 3.ª.....	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce.....	170 »	» 2.ª.....	320 »
Amores.....	360 »	Canella.....	220 »
Pão de Ló.....		Limão.....	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas.....	320 »
Pemzinhos.....	360 »	Estrellas.....	400 »
Primores.....	400 »	Corôas a Camões.....	320 »
Bolo inglez, duzia.....	200 »	Marquinhas.....	320 »
N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

COMPANHIA
DAS

Messageries Maritimes



A Empreza Protectora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:

ORENOQUE, em 8 de junho, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

Senegal, em 23 de junho Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.

A WESA DE 1.ª CLASSE É COMMUM PARA OS SENHORES PASSAGEIROS DE 2.ª Tracta-se em Aveiro, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA rua de José Estevam, n.º 48 a 50.